

REPORTAGEM ESPECIAL

Da sucessão à escala: a família que transformou o leite em negócio

Na propriedade da família Wobeto, em Linha Brasil, interior de Crissiumal, a sucessão rural não ficou restrita à transferência de terra e patrimônio entre gerações, mas significou mudanças na forma de produzir, investimentos em tecnologia e aumento de escala. Em cerca de 14 anos, Eduardo Wobeto ajudou a transformar uma pequena criação iniciada com seis animais em uma atividade leiteira que hoje produz aproximadamente 2 mil litros de leite por dia, fornecidos diretamente à Lactalis.

A história começou antes dele, a partir de um episódio trágico que vitimou todo o rebanho leiteiro da propriedade, na época administrada pelo avô de Eduardo. “Deu tuberculose no plantel e sem a principal fonte de renda da propriedade, a família precisou encontrar uma alternativa. A solução foi migrar para a suinocultura integrada”, conta o jovem agricultor. Em 2012, depois de concluir o ensino médio, Wobeto neto decidiu permanecer no campo, pois o interesse pela produção de leite vinha da infância e também de uma característica econômica que chamava sua atenção: a gera-

ção recorrente de receita. “É uma renda mensal. Todo mês tu vai ter alguma coisa, vai ter um salário que vai entrar”, lembra.

Ao tomar a frente do negócio do avô, que agora também era tocado por Wobeto pai, ele convenceu a família a comprar cinco vacas e uma novilha e aproveitou outras duas vacas que já estavam na propriedade. A meta inicial era chegar a 100 litros por dia e o volume chegou a 125 litros. O salto seguinte veio com a compra de mais 17 vacas e sete novilhos de outro produtor que estava deixando a atividade. A expansão exigiu investimento e mudança na estrutura.

A família construiu um novo galpão, com capacidade inicial para 40 vacas, e passou a profissionalizar o manejo. Um momento importante foi a adoção do sistema de pastejo rotacionado, após uma iniciativa apresentada pelo Sicredi. A proposta contrariava a ideia inicial da família, que pretendia utilizar uma área de menor qualidade para as pastagens. O projeto recomendou justamente o uso da melhor terra para produzir alimento para o rebanho.

A estratégia funcionou e permi-

tiu elevar a produtividade. Com o passar dos anos, porém, o próprio sistema de criação a pasto começou a impor limites, principalmente em relação ao calor e à disponibilidade de sombra. Há cerca de três meses, a família deu outro passo de investimento e passou a trabalhar com as vacas confinadas. “Hoje, a propriedade tem cerca de 70 vacas, além das novilhas, e produz aproximadamente 2 mil litros de leite por dia. A atividade envolve Eduardo, o pai e funcionários, enquanto o avô, que participou da construção do negócio, está menos presente na rotina.

Uma história que se repete em diversos processos sucessórios: o jovem que chega para modernizar a propriedade. E com Eduardo Wobeto não foi diferente. A tecnologia aparece como ferramenta para modernizar a propriedade e como uma decisão econômica baseada em contas. Desde os primeiros anos, ele passou a calcular o custo dos equipamentos em relação à economia de combustível, mão de obra e tempo. Um dos primeiros investimentos surgiu quando ainda utilizava um trator antigo, fabricado em 1975, para transportar a silagem.



Família Wobeto produz hoje cerca de 2 mil litros de leite por dia

Ao colocar na ponta do lápis o custo de uma máquina mais adequada, chegou à conclusão de que o equipamento representaria aproximadamente R\$ 10 por dia em custo. A conta levou à decisão de investir. Com o rebanho maior, a família também incorporou ferramentas digitais ao manejo, com a aquisição de um aplicativo para controlar a alimentação dos animais, permitindo organizar

o trato com maior agilidade. “A tecnologia é uma forma de ampliar a capacidade produtiva sem aumentar na mesma proporção o esforço necessário para manter a atividade”, aponta. A história dos Wobeto também mostra que a sucessão não acontece apenas quando uma geração deixa a propriedade. Ela pode ocorrer enquanto diferentes gerações compartilham decisões e trabalho.

Administrador remodelou estratégias para multiplicar fontes de renda no campo

A sucessão rural não estava nos planos do produtor rural Edson Zancanaro, quando ele deixou Barão de Cotegipe, para construir sua trajetória profissional. Formado pela Academia Militar das Agulhas Negras, onde se tornou

oficial do Exército em 2015, ele abriu mão da carreira no ano seguinte para fazer MBA em Gestão Empresarial e passou cinco anos trabalhando no setor privado.

O que ele não esperava era ter que fazer o caminho de volta

EDSON ZANCANARO/ARQUIVOPESSOAL/JC



Edson (e) está na quarta geração da atividade que herdou do pai Edson João

à terra natal para tomar a frente nos negócios da família, em um momento de mudanças pessoais e dificuldades enfrentadas pela propriedade. “Em 2021, o sócio do meu pai morreu e o negócio enfrentava outras dificuldades. Decidi encerrar os planos de estruturação de uma empresa no Paraná e voltei”, relembra.

Edson é a quarta geração dos Zancanaro na atividade rural, cuja história começou com o bisavô, João Zancanaro, que se estabeleceu na Linha Monte Alegre e teve cinco filhos. Seu avô, Guilherme Luiz Zancanaro, foi o único a permanecer na propriedade e diversificou as atividades da família: manteve uma “bodega de interior”, que funcionou até os anos 2000, e, junto dos filhos, atuou na suinocultura e no comércio de grãos.

A família também comprou terras em Faxinalzinho, na Linha Coxilhão, onde hoje está concentrada a principal operação. Com

o passar das gerações, os diferentes núcleos familiares seguiram seus próprios caminhos dentro do agronegócio e atualmente, Edson e o pai Edson João Zancanaro dividem a parte que lhes cabe do antigo negócio familiar, enquanto primos também permanecem ligados ao setor. A propriedade atual tem na lavoura a base alimentar da pecuária e concentra duas atividades principais: uma granja de produção de leitões e a criação de gado de corte em confinamento.

A chegada de uma nova geração à gestão trouxe mudanças especialmente na administração. Com formação empresarial, Zancanaro passou a atuar na organização financeira, nos controles e na criação de indicadores para acompanhar o desempenho do negócio.

Também contribuiu para desatracar questões documentais e burocráticas que dificultavam a evolução da propriedade. “Realizei investimentos e melhorei estruturas e processos, tendo

sempre a experiência do pai como referência para as decisões técnicas e comerciais”, diz.

Essa combinação entre conhecimentos de diferentes gerações é, para ele, uma das principais forças do negócio. Pai e filho dividem responsabilidades e trabalham de maneira complementar. Não houve grandes conflitos na transição e o respeito entre as gerações permitiu que cada um atuasse em sua área, reconhecendo tanto as novas ferramentas de gestão quanto o conhecimento acumulado ao longo de décadas no campo.

Os resultados ajudam a medir o impacto dessa integração: a suinocultura, atividade já consolidada na propriedade, registrou aumento superior a 15% na produtividade. Com a entrada da pecuária de confinamento, o faturamento do negócio dobrou. “Hoje, são entregues 50 animais de alta qualidade por semana, destinados ao mercado de carnes nobres em nível nacional” afirma.